

**Evento:** XX Jornada de Extensão

**GRUPO TERAPÊUTICO BRINCANDO NO CAPSi: A IMPORTÂNCIA DO  
BRINCAR E SEUS BENEFÍCIOS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL<sup>1</sup>  
THERAPEUTIC GROUP PLAYING IN CAPSi: THE IMPORTANCE OF  
PLAYING AND ITS BENEFITS IN CHILD DEVELOPMENT**

**Graziele Strada<sup>2</sup>, Victória Ruver De Moraes<sup>3</sup>, Angela Maria Schneider  
Drügg<sup>4</sup>**

<sup>1</sup> Projeto de estágio básico realizado no curso de Psicologia da Unijuí.

<sup>2</sup> Aluna do curso de Psicologia da Unijuí.

<sup>3</sup> Aluna do curso de Psicologia da Unijuí.

<sup>4</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, professora adjunta da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul

### **Introdução**

O grupo terapêutico Brincando no CAPSi fundamenta-se na função terapêutica do brincar na infância. É brincando que a criança cria, se expressa, elabora conflitos, vivências e antecipa papéis sociais. Quando se trata do brincar em grupo, acrescenta-se a esse brincar a experiência de socialização e compartilhamento de experiências de vida. Para Winnicott (1975) o brincar cria significados que se estenderão entre a realidade psíquica interna e o mundo externo, possibilitando ao paciente ser e estar do seu jeito e na sua forma. Ao compartilhar o brincar com outras crianças cria-se um amplo campo de possibilidades e fantasias na interação com o ambiente, gerando confiança.

### **Metodologia**

O grupo tem caráter terapêutico, funciona na modalidade de grupo operativo no qual a tarefa é brincar, realizando encontros semanais com duas horas de duração. Trata-se de um grupo aberto, não possuindo um número fixo de participantes, os quais realizam tratamento no CAPSi de Ijuí. O trabalho é coordenado por duas estagiárias do Curso de Psicologia da UNIJUI, contando com uma supervisora interna e é orientado quinzenalmente por uma professora orientadora do Curso. Utiliza-se do livre brincar e do grupo como recurso terapêutico, sendo que em cada encontro as crianças, acompanhadas pelas estagiárias decidem do que e como irão brincar. O CAPSi oferece uma sala de oficina, a qual disponibiliza vários jogos e materiais para desenhos e artesanatos de materiais diversificados, aos quais as crianças têm livre acesso durante o funcionamento do grupo. Existe também a sala de informática e a pracinha disponibilizada para as crianças brincarem ao ar livre. As estagiárias têm a função de realizar as intervenções necessárias para a sustentação e continuidade do brincar mantendo a palavra em circulação.

O Brincando no CAPSi é um grupo de caráter terapêutico que visa integrar ao tratamento das crianças participantes os benefícios do brincar, acolhendo o brincar das crianças em sua

**Evento:** XX Jornada de Extensão

singularidade, e trazendo a elas a possibilidade de socialização e interação com o grupo. Concomitante a isso, oferece um espaço de escuta psicológica para que as crianças possam expressar seu sofrimento psíquico. Esse grupo é dividido em dois momentos: o primeiro momento promove o livre brincar que pode acontecer na sala de oficina ou ao ar livre, no parquinho que fica ao lado do prédio. Após o lanche, no segundo momento, vamos para a sala de informática, onde as crianças têm acesso aos computadores e podem escolher entre assistir filmes, jogar online ou jogar no x-box que fica disponível pra elas.

### **Resultados e Discussão**

Quando demos início à coordenação, fomos muito bem recebidas pelas crianças, assim como por toda a equipe de funcionários do CAPSi. Nos encontros as crianças vão chegando aos poucos e já procurando algo pra fazer, o que nos faz acreditar que elas já vem de casa sabendo quais brincadeiras vão escolher para o dia. No grupo, as crianças são livres para experimentar e criar de acordo com suas necessidades e demandas. Deve-se levar em consideração que são crianças de diferentes realidades socioculturais, que têm em comum a necessidade de atendimento psicossocial e que chegaram ao CAPSi por diferentes motivos. Ao compartilharem suas experiências de vida ampliam seu universo psíquico e cultural.

Torna-se importante salientar que muitos dos pacientes do CAPS infantil são encaminhados ao grupo tendo como queixa principal a agressividade e dificuldade de socialização, tornando muitas vezes necessária a intervenção por parte das estagiárias para que as brincadeiras em grupo não rumem para atos de violência. Quando surge esse tipo de conflito, manejamos a situação através de conversa e questionamentos para as crianças envolvidas, lembrando que elas estão participando do grupo para que aprendam a conviver e respeitar as diferenças, assim como a controlar as emoções e lidar com situações que por muitas vezes não lhe pareçam agradáveis, mas que conversando se consegue resolver, enfatizando, ainda, que todos somos diferentes e precisamos respeitar uns aos outros.

Ao dar início às atividades do projeto, nos deparamos com uma criança que apresentava muitas dificuldades no brincar e socializar, que mais nos chamou a atenção, sobre a qual nos aprofundaremos, à título de exemplo, durante o decorrer deste relato. Trata-se de uma menina com resistência a participar do grupo e de falar tanto com as estagiárias quanto com as outras crianças. Nesse caso, nosso trabalho de intervenção foi estimulá-la a participar do grupo, reconhecendo os momentos em que a mesma se dispunha a interagir de alguma forma ajudando-a a encontrar um espaço dentro do grupo. Ocorreu que a criança ficava pelos corredores do CAPSi, se recusando a entrar na sala e interagir com o grupo, sempre de “cara fechada”, sem responder com palavras, somente com acenos leves com a cabeça, respondia que não para qualquer atividade a ela proposta.

**Evento:** XX Jornada de Extensão

No primeiro dia, ela passou o tempo todo no corredor, muito tímida e séria. Quando nos aproximávamos dela, fazia cara de brava e se encolhia, encostando-se na parede e gesticulando com a cabeça negativamente, parecendo sentir-se de alguma forma coagida, se recusando até mesmo a comer o lanche que é oferecido pelo CAPSi.

No segundo encontro, a criança estava no corredor, como da outra vez. Tivemos a ideia de convidá-la para desenhar, obtendo novamente um aceno de não com a cabeça. Então, na tentativa de criação de um vínculo para estimulá-la a participar do grupo, uma de nós estagiárias pegou papel e giz colorido, sentou-se no chão do corredor ao lado da criança e começou a desenhar no papel, sendo que para cada traço desenhado era contada uma história criada na hora pela estagiária, com o intuito de despertar o interesse da criança, convidando-a a desenhar. Conforme o desenvolvimento do desenho, a criança foi demonstrando interesse e em determinado momento optou por desenhar também. Mas sempre sem conversar. Conseguimos convencê-la a ir então até o refeitório para sentar-se em uma mesa, pois seria mais confortável e ela, com um pouco de resistência, acabou aceitando. Deixamos ela ali e, de tempos em tempos, íamos ver o que ela fazia. Desse modo ela foi ficando mais à vontade. Perguntamos se queria pôr seu nome no desenho que fizemos juntas e ela aceitou, escrevendo-o perto do nome da estagiária que havia dado início ao desenho e expressou uma certa satisfação em um discreto e tímido sorriso. Naquele dia, quando as crianças chegaram para o lanche, ela rapidamente saiu da sala, mas comeu o lanche no corredor. Logo após, foi juntamente com o grupo para a sala de informática.

No terceiro e quarto encontros, não obtivemos avanços quanto a esse caso, pois era como se o vínculo se quebrasse no decorrer da semana e tínhamos que começar tudo novamente no encontro seguinte. Até que em um dos encontros, decidimos fazer alguns aviões de papel com folhas de revistas velhas que ficam disponibilizadas na sala de oficina. Terminados os aviões, fomos até o corredor onde a menina se encontrava e jogamos nela um desses aviões. Ela abriu um largo sorriso, juntou o avião e o jogou de volta. A partir daí iniciou-se uma brincadeira com os aviões pelos corredores do CAPSi, até que em determinado momento, resolvemos entrar na sala de oficina enquanto brincávamos. Para nossa surpresa, ela também entrou na sala e permaneceu lá interagindo com o grupo até o término das atividades daquele momento do grupo. A seguir nos dirigimos para o refeitório e depois fomos todos juntos para a sala de informática. Quando acabaram as atividades do grupo, pegou os aviões e os levou para sua casa para brincar com seu irmão.

A partir desse dia, parece-nos que o vínculo se estabeleceu, pois no encontro seguinte, ela chegou disposta a brincar e quando a convidamos a entrar na sala prontamente aceitou, brincando alegremente com todos. Pode-se dizer que nem sempre ela chega no grupo com o mesmo entusiasmo, mas quando não está muito disposta, confeccionamos novos aviões e ela se reintroduz no grupo. Até o momento da elaboração deste artigo, ela continua evoluindo e já está começando a responder perguntas direcionadas a ela com palavras.

A partir da brincadeira do aviãozinho, a menina tem sua primeira interação direta com as estagiárias. Relacionada com essa brincadeira está o jogo do Fort-da, relatado por Freud (1920),

**Evento:** XX Jornada de Extensão

em que o seu neto joga e puxa um carretel preso a uma linha pronunciando estes fonemas em uma brincadeira para simbolizar a presença-ausência da mãe. Associamos esse movimento de jogar e puxar aos aviões de papel que jogamos uns nos outros, em um movimento de entrada e saída do ambiente do grupo, tornando, assim mais fácil para a criança essa interação. Nessa brincadeira ela simboliza algo e se permite participar, ainda que sem falar, das atividades em grupo realizadas na sala de oficina. Freud (1920) relaciona o jogo do Fort-da a conquista cultural da criança, isto é, a satisfação pulsional é abdicada, uma vez que a função que passa a operar é a simbolização, ou seja, agora a criança encena simbolicamente a presença na ausência.

Melaine Klein (1969) trabalhou com crianças a partir do brincar e, através de seus estudos nos relata que

brincar é o meio de expressão mais importante da criança. Ao utilizarmos essa técnica lúdica, logo descobrimos que a criança faz tantas associações aos elementos isolados de seu brinquedo quanto o adulto aos elementos isolados de seus sonhos. Cada um desses elementos lúdicos é uma indicação para o observador experimentado, já que, enquanto brinca, a criança fala e diz toda sorte de coisas que tem o valor de associações genuínas. (KLEIN, 1969, p.31)

Desse modo, pode-se compreender que brincando a criança pode falar de suas fantasias e desejos, criando em torno dela um universo de vivências, criações e anseios imprescindíveis para o seu desenvolvimento psicossocial. Pode-se acrescentar ainda, que além das atividades com brinquedos, Klein (1969) também interpretava as palavras das crianças, incluindo-as como parte das associações livres e se relacionava a essa variedade de situações como ilimitadas. Através de brincadeiras e jogos consegue-se observar o comportamento e o modo como cada criança se relaciona socialmente, como ela lida com as regras e com os ganhos e perdas, que, assim como nos jogos e brincadeiras também acontecem no decorrer da vida fora da brincadeira.

### Considerações Finais

A partir do trabalho realizado, pode-se concluir que o grupo terapêutico Brincando no CAPSi é de grande relevância como parte do tratamento dos pacientes. As crianças estão ali através de indicação do plano terapêutico que é elaborado pela equipe do CAPSi de acordo com as necessidades de cada um.

As estagiárias oferecem um trabalho de acolhimento tentando ao máximo suprir as demandas que vão surgindo durante o funcionamento do grupo, de modo a criar um ambiente agradável às crianças participantes, para que estas se sintam à vontade em seu brincar, facilitando o

**Evento:** XX Jornada de Extensão

crescimento da criança e conduzindo aos relacionamentos grupais.

É através do brincar que vão se formando vínculos e atrelando-se a isso efeitos terapêuticos que promovem a saúde mental, levando a um caminho que conduza a um menor sofrimento psíquico. A brincadeira nada mais é do que a forma que a criança tem de expressar suas fantasias, experiências e desejos simbolicamente através do livre brincar.

Palavras-Chave: Criança; Brincar; Grupo Terapêutico; Paciente

#### Referências Bibliográficas

FREUD (1920). Além do Princípio do Prazer. In: Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

KLEIN, M. Psicanálise da Criança. São Paulo: Mestre Jou, 1969.

WINNICOTT, D. W. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.